

LEVANTAMENTO DO IMPACTO SOCIOECONÔMICO NA DISTRIBUIÇÃO DA DOENÇA DE FELINO: ESPOROTRICOSE, NA CIDADE DE VALPARAÍSO DE GOIÁS NO ANO DE 2021 A 2022.

SURVEY OF THE SOCIOECONOMIC IMPACT ON THE DISTRIBUTION OF FELINE DISEASE: SPOROTRICOSE, IN THE CITY OF VALPARAÍSO DE GOIÁS IN THE YEAR FROM 2021 TO 2022.

Geovanna Soares de Sousa¹, Simone Conceição Porto Gonçalves²

1 Aluna do Curso de Medicina Veterinária

2 Professora do Curso de Medicina Veterinária

RESUMO

A esporotricose é uma doença emergente no Brasil, ocorrendo com maior frequência em regiões menos favorecidas, e em alguns lugares acontece com uma alta distribuição geográfica, tornando-se uma zoonose de importância pública, mesmo com isso, não é de notificação compulsória em todo Brasil. O seu principal transmissor é o felino com livre acesso à rua, no qual se contamina com o fungo e pode transmitir para outros gatos ou até mesmo para ser humano através de mordidas e arranhaduras do gato infectado. Com a grande importância dessa doença na saúde pública o presente trabalho visa saber o impacto do fator socioeconômico na distribuição da esporotricose em felinos, na cidade de Valparaíso de Goiás, nos anos de 2021 e 2022. Para isso foi utilizado pesquisas com clínicas veterinárias, centro de controle de zoonose, hospitais e órgãos do governo, resultando assim um baixo índice de esporotricose e uma falta de atenção governamental em relação a dados da cidade que ajudam na identificação da doença.

Palavras-Chaves: endêmica; gato; zoonoses; distribuição; epidemiológico; saúde pública.

ABSTRACT

Sporotrichosis is an emerging disease in Brazil, occurring more frequently in less favored regions, and in some places it has a high geographic distribution, making it a zoonosis of public importance, even with that, it is not compulsory notification throughout Brazil. Its main transmitter is the feline with free access to the street, in which it is contaminated with the fungus and can transmit it to other cats or even to humans through bites and scratches of the infected cat. With the great importance of this disease in public health, the present work aims to know the impact of the socioeconomic factor on the distribution of sporotrichosis in cats, in the city of Valparaíso de Goiás, in the years 2021 and 2022. of zoonosis control, hospitals and government agencies, thus resulting in a low rate of sporotrichosis and a lack of government attention in relation to city data that help in identifying the disease.

Keywords: endemic; cat; zoonoses; distribution; epidemiological; public health.

Contato: simone.goncalves@unidesc.edu.br

INTRODUÇÃO

O aumento da população de gatos como animal de companhia tem crescido (LOPES; ACKERMANN, 2017), assim como o processo de urbanização (MARQUES; OLIVEIRA; GOMES, 2017), com os felinos excedendo a população canina em alguns países (LOPES; ACKERMANN, 2017), já que, a urbanização predispõe a necessidade de pets de companhia que tenham facilidade de adaptação a locais pequenos e que não demandem “cuidados” maiores aos tutores (MARQUES; OLIVEIRA; GOMES, 2017).

A American Veterinary Medical Association (AVMA) (2018) confirma através de uma pesquisa que os gastos com felinos, não seguem o aumento populacional, ficando atrás de gastos com cães. Nessa mesma pesquisa, observou que tutores de gatos que não levam os animais em clínicas de atendimento exclusivo para felinos tendem a levá-los somente quando estes estão doentes (35,2%) e uma menor frequência de proprietários leva o seu

gato entre uma a três vezes ao ano (48,1%), e quando ocorre a visita ao médico veterinário, o tutor não é incentivado a retornar para realizar exames de rotina (BALTZ, 2016). Além da falta de conhecimento sobre a guarda responsável de seus animais, a qual se tem exemplo de um estudo, que mostra uma proporção de 42,66% de pessoas entrevistadas, onde dizem que não sabem o que é guarda responsável (RODRIGUES; LUIZ; CUNHA 2017). A grande maioria dos tutores não tem conhecimento sobre zoonoses, alegando não saber do que trata ou nunca ter recebido esclarecimento sobre tal assunto ou não ter informações suficientes (OLIVEIRA-NETO et al., 2017).

Os animais domésticos podem ser transmissores de zoonoses (NUNES, 2019), sendo as principais zoonoses, a esporotricose, leishmaniose, malária, raiva, toxocaríase, toxoplasmose, zika e leptospirose, segundo uma pesquisa literária feita por Avelar, Donida, Pavanelli (2019). Dentre as doenças citadas, se tem observado uma epidemia zoonótica de esporotricose que se encontra em franco crescimento (SILVA et al., 2012).

A doença esporotricose é causada por fungos dimórficos (GUIRADO et al., 2018) do gênero *Sporothrix*, sendo uma micose (GONÇALVES et al., 2019) e o fungo mais conhecido é chamado de *Sporothrix schenckii* (GUIRADO et al., 2018). Acreditava-se que o *S. schenckii* seria o único agente causador da doença, porém, atualmente, existe o conhecimento de que, na verdade, este faz parte de um complexo de espécies críptica (GONÇALVES et al., 2019).

Esta doença está presente em todo o mundo, principalmente em áreas tropicais e subtropicais (BENTO et al., 2021), sendo a micose subcutânea mais ocorrente do Brasil (GONÇALVES et al., 2019), se tornando uma doença emergente no país (GREMIÃO et al., 2017), pois com climas subtropicais ou tropicais, tornam-se fatores favoráveis para o desenvolvimento do agente etiológico contribuindo para o ciclo de transmissão do fungo dimórfico (GONÇALVES et al., 2019).

As condições climáticas e higiênico-sanitárias do Brasil, junto com o contato dos animais domésticos, cada vez mais íntimo com os seres humanos, podem trazer o animal como um possível vetor de várias doenças, que colaboram para a propagação de diversas zoonoses (GONDIM; LEITE, 2020) não diferenciando dos casos de esporotricose, que em locais, com a exclusão social e a precariedade em regiões com alta densidade populacional tenha um maior índice de esporotricose (GONÇALVES et al., 2019).

Além da esporotricose ser uma zoonose emergente (GREMIÃO et al., 2017; GONÇALVES et al., 2019; GONDIM; LEITE, 2020) e negligenciada no Brasil, onde acomete animais e seres humanos, sua ocorrência nem sempre é diagnosticada de forma correta

e seus casos são subnotificados, dificultando o controle dessa importante antropozoonose (GONDIM; LEITE, 2020).

Segundo a Sociedade Brasileira de Medicina Tropical (SBMT) (2020), o contágio ocorre por inoculação do fungo através de um ferimento causado por um espinho, solo ou material orgânico em decomposição contaminado. Jardineiros são profissionais susceptíveis a doença por adquirirem o fungo em contato com plantas ou solo infectado (LARSSON, 2011; SANTOS; ALMEIDA, 2016), por isso também é chamada de “doença do jardineiro” (SBMT, 2020), além de acadêmicos de medicina veterinária e profissionais veterinários por seu contato com animais (LARSSON, 2011). Sua principal transmissão é por gatos semi-domiciliados (GONÇALVES et al., 2019), sendo uma fonte potente e importante de *Sporothrix* nas epidemias brasileiras (GREMIÃO et al., 2017), carregando com prevalência o fungo *S. Brasiliensis* (MACÊDO-SALES et al., 2018).

Nos felinos pode ser encontrado em suas garras devido ao hábito de afiar as unhas em troncos de árvores (SBMT, 2020; SOUZA et al., 2006), podendo também ser encontrado na cavidade oral e nasal, e sua transmissão acontece por mordeduras e arranhões ou feridas infectadas (SBMT, 2020).

Um relato de caso feito por Almeida et al. (2018) mostrou que as regiões anatômicas acometidas com maior frequência nos felinos são a região cefálica, incluindo face, nariz e pavilhão auricular, além dos membros (Figura 1, 2 e 3), possuindo também sinais respiratórios, como espirros e edema no plano nasal.

Figura 1. Lesão na região facial e patas de paciente com esporotricose.



Fonte: Araujo, A.; Gondim; Araujo, I., 2020

Figura 2. Lesão na região facial de dois pacientes com esporotricose.



Fonte: Almeida et al., 2018

Figura 3. Gato com pata traseira comprometida por esporotricose (um dos casos positivos de esporotricose no Valparaíso de Goiás).



Fonte: Arquivo pessoal (2022)

Em humanos, a infecção cutânea normalmente é localizada, podendo haver comprometimento linfático na região (ARAUJO, A.; GONDIM; ARAUJO, I., 2020) (Figura 4).

Figura 4. Lesão localizada, no dedo polegar, de tutora arranhada por seu animal diagnosticado com esporotricose.



Fonte: Araujo, A.; Gondim; Araujo, I., 2020

Por seus acometimentos, a doença certamente é um problema de saúde pública (BARROS et al., 2010), porém, sua notificação compulsória ocorre apenas em alguns estados como, Rio de Janeiro, Pernambuco, Paraíba, São Paulo, Bahia, Minas Gerais (FALCÃO et al., 2019), Mato Grosso do Sul (BRASIL, 2021) e Distrito Federal (BRASIL, 2021).

Sendo observados os efeitos da doença na saúde pública, nos alcances geográficos no Brasil, junto com seus fatores sociais, culturais e econômicos citados, esse trabalho tem como objetivo, estudar o impacto socioeconômico na distribuição da esporotricose, em Valparaíso de Goiás nos anos de 2021 e 2022.

MATERIAIS E MÉTODOS

Esse estudo quantitativo teve início na data de 26/08/2022, reunindo dados presenciais de nove clínicas veterinárias e o centro de controle de zoonoses, usando um questionário simples e objetivo, onde continham perguntas como: quantidade de animais atendidos por esporotricose (fêmeas e machos); se foram solicitados exames para o diagnóstico de esporotricose nos pacientes?; Se sim, qual exame e qual a quantidade de tutores realizaram o exame para diagnóstico de esporotricose nos pacientes?; Quantidade de diagnósticos confirmados por exames; os pacientes tiveram retorno após a prescrição medicamentosa?; Se sim, quantidade de pacientes que retornaram, quantidade de pacientes que retornaram com um quadro clínico melhor; quantidade de pacientes que retornaram com um quadro clínico pior; quantidade de pacientes que eram castrados; quantidade de animais que residem em casa ou apartamento; houve relutância ou negação de tutores a realização de exames e tratamentos por motivos econômicos?.

Dados também foram coletados de três hospitais, seis Unidades Básicas de Saúde (UBS), um Centro de Atendimento Integrado de Saúde (CAIS) e uma Unidade de Pronto Atendimento (UPA), para informações sobre a doença em humanos, com uma única pergunta: Houveram casos de esporotricose em humanos?.

A secretaria de saúde da cidade contribuiu para os dados epidemiológicos, em humanos e animais, e a secretaria municipal de infraestrutura, habitação e serviços urbanos para dados de Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), onde as informações fornecidas foram usadas para a confecção de mapas de distribuição geográfica.

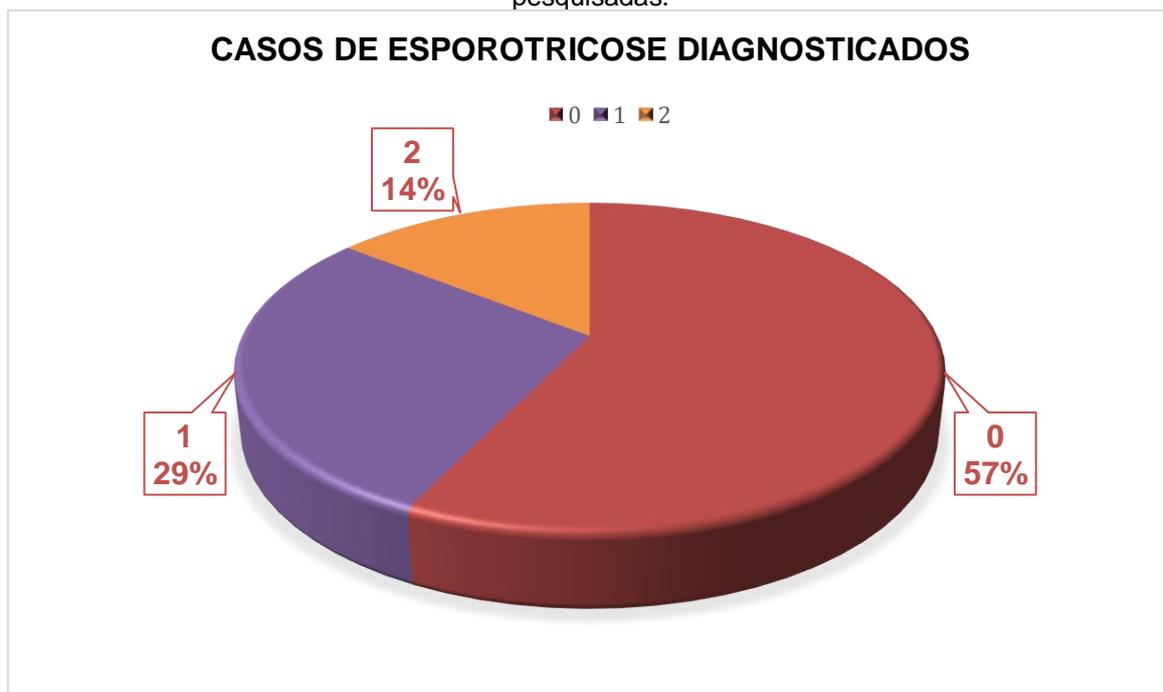
Além de ser feito uma pesquisa on-line por formulário no Google Forms, direcionado aos residentes de Valparaíso de Goiás, alcançando 103 moradores, com as seguintes

perguntas: qual seu nome?; Qual sua idade?; Você é veterinário ou estudante de medicina veterinária?; Você mora em Valparaíso de Goiás?; Se mora no Valparaíso de Goiás, qual bairro?; Você tem gato de estimação?; qual a quantidade de gatos de estimação você tem?; Qual o sexo do seu gato?; Você já ouviu falar sobre a esporotricose?; Seu gato já foi diagnosticado com esporotricose em clínica veterinária?; Se seu gato foi diagnosticado, foi feito o tratamento contra esporotricose?; Se não realizou o tratamento, o motivo foi financeiro?; Seu animal diagnosticado é castrado?; Seu animal diagnosticado reside em apartamento ou casa?.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Das nove clínicas veterinárias, foram usados somente dados de sete clínicas para a pesquisa, por falta de informações das restantes. Todos os casos acometeram somente felinos, afirmando a tese de Barros (2010), de que o gato é a principal vítima da doença. A quantidade de casos foi comparada (Gráfico 1), resultando em apenas três clínicas com diagnóstico positivo para casos de esporotricose. Essas clínicas responderam ao questionário sobre os pacientes, os tutores e a conduta do(a) médico(a) veterinário(a), destacando o tratamento e melhora do paciente, o fator econômico do tutor, em relutância a valores de exames e tratamentos do animal (Tabela 1).

Gráfico 1. Quantidade de casos obtidos de pacientes com esporotricose nas sete clínicas veterinárias pesquisadas.



Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

Tabela 1. Respostas obtidas das clínicas veterinárias que positivaram para esporotricose em seus pacientes.

| Perguntas | Clínica 1 | Clínica 2 | Clínica 3 |
|--|-----------------------------|-----------------------------|-----------------------------|
| Quantidade de animais atendidos por esporotricose. Quantidade de fêmeas e machos. | 1 caso 1 fêmea, 0 machos | 2 casos 1 fêmea, 1 macho | 1 caso 1 fêmea, 0 machos |
| Foram solicitados exames para o diagnóstico de esporotricose nos pacientes? Qual? | Sim, raspado | Sim, biopsia | Sim, biopsia |
| Quantidade de tutores que realizaram o exame para diagnóstico de esporotricose nos pacientes | 1 | 1 | 1 |
| Quantidade de diagnósticos confirmados por exames | 1 | 1 | 1 |
| Os pacientes tiveram retorno? | Não | Sim | Sim |
| Quantidade de pacientes que retornaram | Não se aplica | 2 | 1 |
| Quantidade de pacientes que retornaram com melhora | Não se aplica | 1 | 1 |
| Quantidade de pacientes que retornaram com piora | Não se aplica | 0 | 0 |
| Quantidade de pacientes que eram castrados | 1 | 0 | 1 |
| Quantidade de pacientes que residiam em casa e quantidade de pacientes que residiam em apartamento | Sem informações | Casa 2, apartamento 0 | Casa 1, apartamento 0 |
| Houve relutância ou negação de tutores para a realização de exames e tratamentos por motivos econômicos? | Não | Sim | Não |

Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

Como observado, quatro clínicas veterinárias não atenderam pacientes com esporotricose, duas clínicas atenderam um caso, uma clínica atendeu dois casos no ano de 2021/2022 (Gráfico 1). Um felino de uma das clínicas que apresentou caso de esporotricose convivia com um contactante felino que apresentava os mesmos sinais clínicos, porém, não foi contabilizado, pois não compareceu a clínica e foi não diagnosticado.

O questionário on-line direcionado para a população (Tabela 2 e 3) obteve somente dois casos positivos de esporotricose diagnosticados e tratados sem relutância, sendo um desses animais, vindo de Recife. Entretanto, 21,35% das pessoas que participaram da pesquisa tem conhecimento sobre a doença, sendo um total de 22 em 103 pessoas. Dentre essas 22 pessoas que conhecem a esporotricose, seis são veterinários ou estudantes de medicina veterinária, que contribuíram no número de pessoas que conhecem a doença (Gráfico 2).

Tabela 2. Respostas obtidas dos moradores que não possuem gatos como animais de estimação.

| Parâmetro | Classificação | Nº |
|---------------------------------------|---------------|----|
| Idade | 15 a 25 | 54 |
| | 26 a 35 | 11 |
| | 36 a 45 | 3 |
| | 45+ | 3 |
| Veterinário ou graduando | Sim | 5 |
| | Não | 66 |
| Já ouviu falar sobre a Esporotricose? | Sim | 14 |
| | Não | 57 |

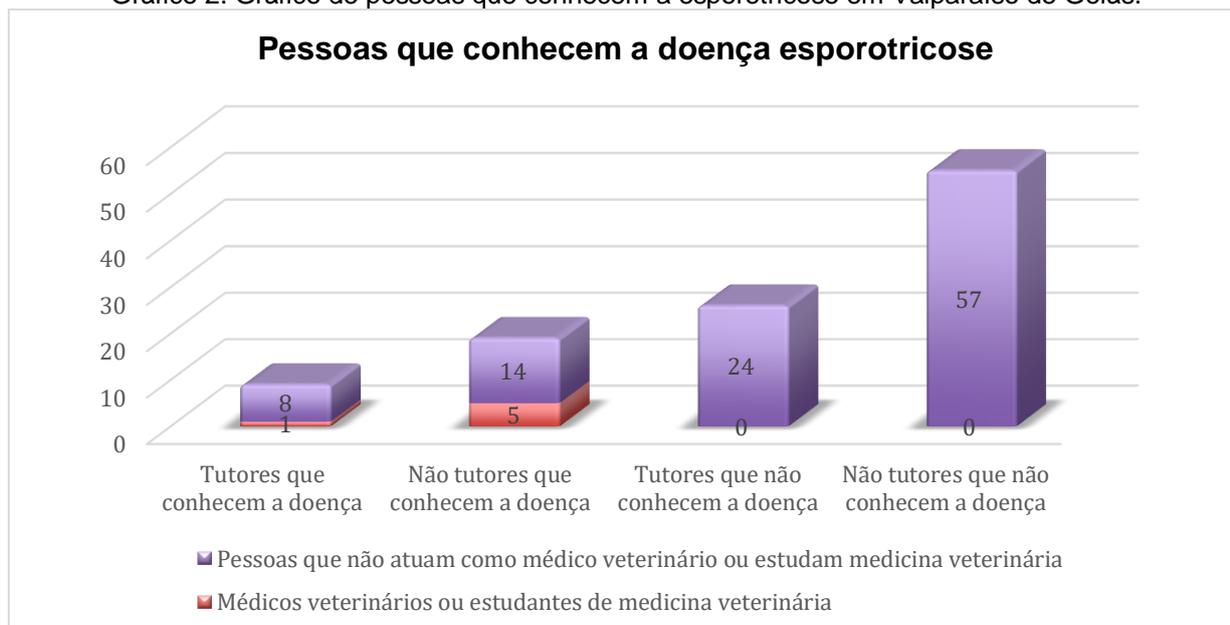
Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

Tabela 3. Respostas obtidas dos moradores que possuem gatos como animais de estimação.

| Parâmetro | Classificação | Nº |
|---|---------------|----|
| Idade | 15 a 25 | 24 |
| | 26 a 35 | 5 |
| | 36 a 45 | 2 |
| | 45+ | 1 |
| Veterinário ou graduando | Sim | 1 |
| | Não | 31 |
| Quantidade de gatos de estimação | 1 | 16 |
| | 2 | 5 |
| | 3 | 4 |
| | 4 | 2 |
| | 5 | 2 |
| | 5+ | 3 |
| Sexo do felino | Macho | 8 |
| | Fêmea | 13 |
| | Macho e fêmea | 11 |
| Já ouviu falar sobre a esporotricose | Sim | 8 |
| | Não | 24 |
| Seu gato já foi diagnosticado com esporotricose em clínica veterinária | Sim | 2 |
| | Não | 30 |
| Se seu gato foi diagnosticado, foi feito o tratamento contra esporotricose? | Sim | 2 |
| | Não | 0 |
| | Não se aplica | 30 |
| Se não realizou o tratamento, o motivo foi financeiro? | Sim | 1 |
| | Não | 0 |
| | Não se aplica | 31 |
| Seu animal diagnosticado é castrado? | Sim | 1 |
| | Não | 1 |
| | Não se aplica | 30 |
| Seu animal diagnosticado reside em casa ou apartamento? | Casa | 2 |
| | Apartamento | 0 |
| | Não se aplica | 30 |

Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

Gráfico 2. Gráfico de pessoas que conhecem a esporotricose em Valparaíso de Goiás.



Entre os seis pacientes positivados com esporotricose, três eram fêmeas e três machos. Nos animais não castrados tiveram prevalência nos machos, e todos os animais têm acesso a rua, exceto um macho que veio de Recife já com a doença, se assimilando com a pesquisa de Michelin et al. (2019), que teve prevalência de esporotricose em machos, não castrados com livre acesso a rua.

Exatamente 75% dos tutores de gatos nunca ouviram falar sobre a esporotricose, enquanto, mais de 80% das pessoas que não tem gato, não sabem da doença, mostrando que tanto tutores quanto não tutores tem a falta de conhecimento desta tão importante zoonose. Segundo a pesquisa de Silva (2014) e Pássaro; Sintinieri; Santos (2022), 60% e 40% das pessoas entrevistadas não sabiam sobre a doença respectivamente, obtendo uma melhor porcentagem comparado ao estudo atual. Quando pesquisado dados de esporotricose em humanos nos hospitais, UBS, CAIS e UPA, os profissionais de saúde, em sua grande maioria não sabia do que tratava a doença, o que, condiz com estudos que falam que 26,51% dos profissionais sabem sobre a doença (SILVA, 2014) e é possível constatar o pouco conhecimento dos profissionais de saúde, em especial os de enfermagem, em relação à doença e seu tratamento (MUNIZ; PASSOS., 2009).

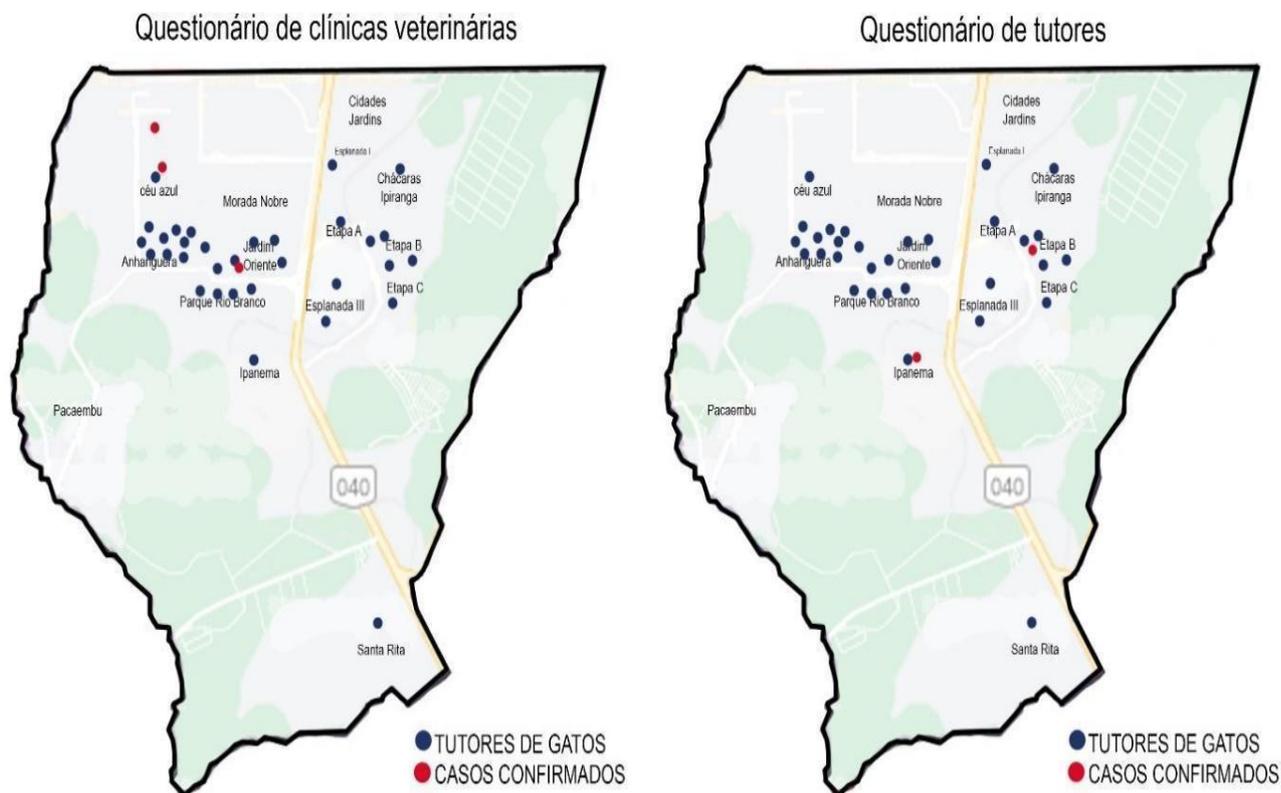
Uma pesquisa realizada coletando dados do Sistema Único de Saúde (SUS) feita por Falcão et al. (2019) mostra que Goiás teve destaque em questões hospitalares em humanos com esporotricose, porém, quando pesquisado em Valparaíso de Goiás, os casos em humanos, nos hospitais, postos de saúde, e os demais órgãos do governo, são nulos, assim, não seguindo a perspectiva dos dados de outras cidades de Goiás, evidenciando que a cidade de Valparaíso não se encaixa nessa realidade.

Quando procurado casos de esporotricose no Centro de Controle de Zoonoses, o resultado obtido foi de zero animal, porém nos anos anteriores, apenas um animal que residia no Rio de Janeiro e veio para Valparaíso de Goiás, foi diagnosticado.

Na Secretaria de saúde o total de casos notificados em humanos e animais também seguiu a mesma linha, com zero notificações, pois, no local, foi descoberto que a esporotricose não é uma doença de notificação compulsória, confirmando no site oficial da secretaria de estado de saúde (BRASIL, 2022), assim, não existindo dados no sistema.

As três clínicas veterinárias que positivaram seus pacientes localizam-se em dois bairros distintos, sendo duas clínicas em um único bairro, e uma clínica em um bairro diferente. Para visualização da distribuição dos casos positivos nas clínicas e animais de tutores, foi feito um mapa de distribuição (Mapa 1).

Mapa 1. Distribuição geográfica de casos de esporotricose em felinos em relação da distribuição de animais em Valparaíso de Goiás no ano de 2021 e 2022.



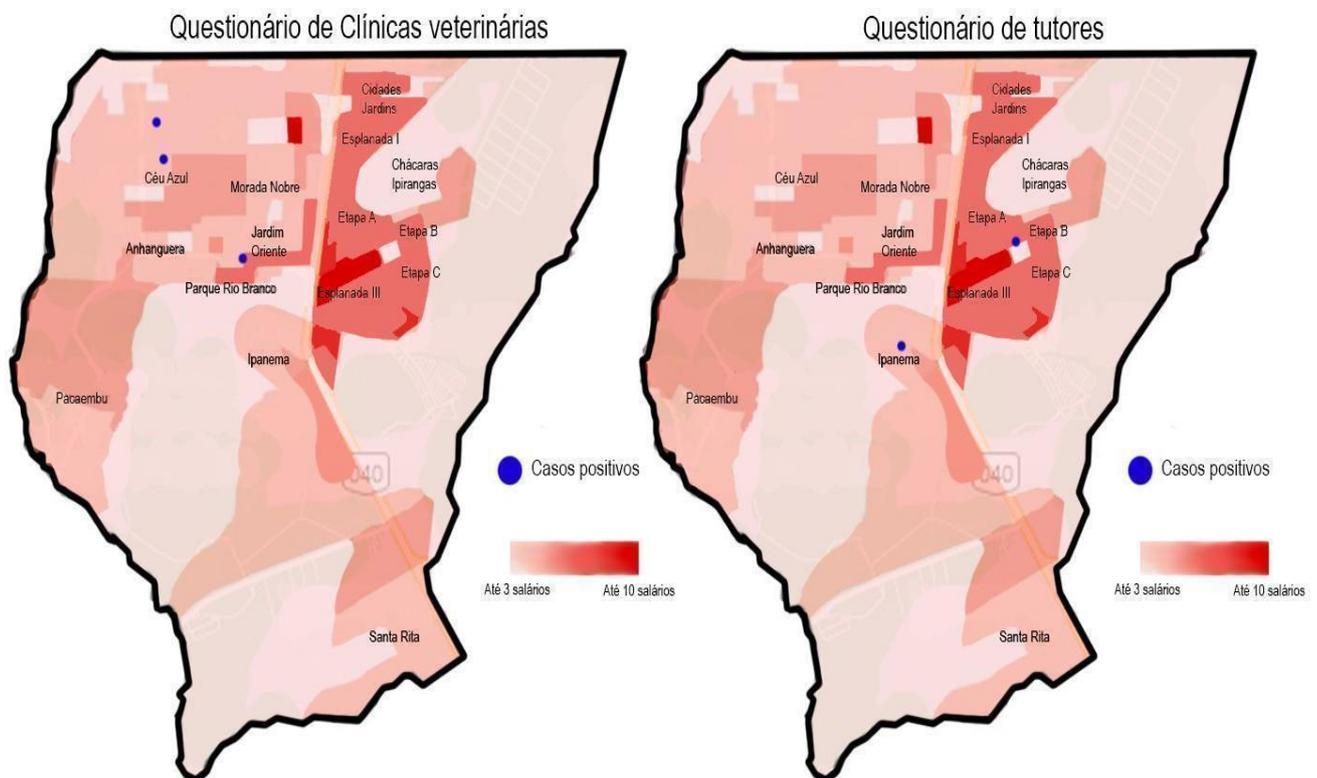
Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

Não foi possível seguir um padrão de distribuição geográfica, pois, além de uma quantidade baixa de casos, eles estão espalhados pelos bairros de Valparaíso de Goiás, sem correlação com a distribuição de tutores de gatos (consequentemente onde residem os animais), obtendo casos positivos no bairro Ipanema com uma baixa densidade de residências com felinos, enquanto dois pacientes positivaram no bairro do Jardim Oriente,

centro da distribuição de residências.

Em contato com a Secretaria Municipal de Infraestrutura, Habitação e Serviços Urbanos, para obtenção de dados atuais de Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do município, para realização de mapa de distribuição geográfica de casos positivos em comparação a renda da população de Valparaíso de Goiás (Mapa 2), foi informado que dados de IDH nos bairros de Valparaíso de Goiás não são atualizados desde a última década, ocorrendo uma nova pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no momento desta pesquisa, sobre a esporotricose, sendo assim, o mapa foi baseado nos dados mais “recentes” de dentro do município de 2010.

Mapa 2. Distribuição geográfica de casos de esporotricose em felinos em relação a renda da população de Valparaíso de Goiás.



Fonte: IBGE (2014); Ministério das Cidades (2015), organizado por Souza; Mello (2016), elaborado pelo autor (2022)

Observando sua distribuição econômica, lê-se que, locais onde se encontram residências com renda até 3 salários, está marcado com a cor mais clara, e locais que encontram residências com até 10 salários está na cor mais escura, porém a cor mais escura não significa que não existem residências com até três salários. A maioria dos casos positivos aconteceu em bairros com renda de até 3 salários, batendo com a realidade do estudo de Barros (2010), com a média da renda familiar de 3,3 salários mínimos mensais. Em uma clínica, entre o bairro do jardim oriente com o parque rio branco, local em que a

renda começa a subir, foi a clínica em que um tutor relutou a realizar exames e tratamento por motivos econômicos.

Valparaíso de Goiás está perto de regiões de notificação compulsória e que existe um grau considerável de esporotricose, como o Distrito Federal e Minas Gerais (Mapa 3), sendo suscetível a felinos de fora do estado com a doença, assim como acontece no Rio de Janeiro, pois, no entorno da capital, a qual se denominou cinturão de esporotricose, a doença extrapola os limites político-administrativos municipais existentes, indicando que essa é uma epidemia urbana que vem se espalhando silenciosamente neste início do século XXI (SILVA et al., 2012).

Mapa 3. Distribuição de esporotricose dos estados do Brasil de 2001 a 2016.



Fonte: Gremião et al., 2017

Achados da pesquisa reforçam que a necessidade de informação dos moradores sobre a doença (PIRES, 2017) e sobre a falta de consciência sobre os riscos de animais errantes na saúde pública (RODRIGUES; HAGEN; CAMARGO, 2022) perpetua, porém, mesmo que a esporotricose seja uma doença emergente, e está ocorrendo com um aumentando significativo, principalmente no Brasil (GREMIÃO et al., 2017), em algumas regiões não ocorre com frequência como no Sul e Sudeste, onde, se tem sua maior concentração (FALCÃO et al., 2019), e comparando sua frequência no Centro-Oeste, em Valparaíso de Goiás, mostra que a doença não é recorrente nos últimos anos de 2021 a

2022, com apenas seis casos positivos em dois anos, e com a realidade atual do município, segundo dados de IDH e por não possuir notificação compulsória, não é evidente sua classificação quanto sua distribuição socioeconômica em Valparaíso de Goiás.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A esporotricose é uma doença felina prevalente em literatura, endêmica no Brasil, porém, dados coletados na cidade de Valparaíso de Goiás não foram suficientes para uma endemia na região. A insuficiência de informações aponta para uma falta de atenção de órgãos governamentais voltada para a cidade, pois, dados importantes, como o IDH, não são atualizados há 12 anos, dificultando a distinção de distribuição geográfica de renda para estudo no impacto da esporotricose, com a ausência de notificação compulsória da doença e com seus casos podendo ser subnotificados, já que a cidade faz parte do entorno de regiões endêmicas. Esses dois fatores devem ser revisados pelos órgãos responsáveis da cidade para fins de melhorias, pois impactam tanto no estudo da esporotricose na região, quanto em possíveis pesquisas que necessitem de dados significantes, além de, se fazer necessário, o fornecimento de educação em saúde pelo governo sobre a doença e a guarda responsável de animais de estimação, em razão de ser uma zoonose, com importância na saúde pública, já que na sua grande maioria, é acometida por felinos semi-domiciliados.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. J. et al. **Esporotricose em felinos domésticos (*Felis catus domesticus*) em Campos dos Goytacazes, RJ.** 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pvb/a/W4y6kRMWDxZ5XKwjnqgVWkv/?lang=pt>. Acesso em: 03 nov. 2022.
- ARAUJO, A. K. L.; GONDIM, A. L. C. L.; ARAUJO, I. E. A. **Esporotricose felina e humana – relato de um caso zoonótico.** 2020. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/53866/1/2020_art_aklaraujo.pdf. Acesso em: 22 set. 2022.
- AVELAR, A. C. S.; DONIDA, C. C.; PAVANELLI, G. C. **REVISÃO INTEGRATIVA DAS PRINCIPAIS ZOONOSES DE OCORRÊNCIA BRASILEIRA.** 2019. Disponível em: <https://rdu.unicesumar.edu.br/bitstream/123456789/3608/1/Ana%20Carolina%20Soares%20Avelar%202.pdf>. Acesso em: 22 set. 2022.
- AVMA. **AVMA PET OWNERSHIP AND DEMOGRAPHICS SOURCEBOOK.** 2018. Disponível em: <https://www.avma.org/sites/default/files/resources/AVMA-Pet-Demographics-Executive-Summary.pdf>. Acesso em: 22 set. 2022.
- BALTZ, A. C. **IMPACTO DA RELAÇÃO ENTRE MÉDICO VETERINÁRIO E PROPRIETÁRIO NO TRATAMENTO RECEBIDO POR FELINOS DOMÉSTICOS.** 2016. Disponível em: <https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/11661/4/impacto%20da%20rela%C3%A7%C3%A3o%20entre%20m%C3%A9dico%20veterin%C3%A1rio%20e%20propriet%C3%A1rio%20no%20tratamento%20recebido%20por%20felinos%20dom%C3%A9sticos.pdf>. Acesso em: 12 set. 2022.
- BARROS, M. B. L. et al. **Esporotricose: a evolução e os desafios de uma epidemia.** 2010. Disponível em: <https://scielosp.org/pdf/rpsp/2010.v27n6/455-460/pt>. Acesso em: 15 nov. 2022.
- BENTO, A. O. et al. **The spread of cat-transmitted sporotrichosis due to *Sporothrix***

brasiliensis in Brazil towards the Northeast region. 2021. Disponível em: <https://journals.plos.org/plosntds/article?id=10.1371/journal.pntd.0009693>. Acesso em: 03 nov. 2022.

BRASIL. Secretaria de estado de governo. **DIÁRIO OFICIAL DO DISTRITO FEDERAL.** 2021. Disponível em: https://www.sinj.df.gov.br/sinj/BaixarArquivoDiario.aspx?id_file=050033d7-2dcb-3636-936c-0b5116c182fb. Acesso em: 8 nov. 2022.

BRASIL. Secretaria de estado de saúde de mato grosso do sul. **NOTA TECNICA ESPOROTRICOSE.** 2021. Disponível em: <https://www.vs.saude.ms.gov.br/wp-content/uploads/2021/08/Nota-tecnica-esporotricose.pdf>. Acesso em: 8 nov. 2022.

BRASIL. Secretaria de estado de saúde. **Fichas de Notificação - SINAN.** 2022. Disponível em: <https://www.saude.go.gov.br/fichas-de-notificacao>. Acesso em: 19 nov. 2022.

FALCÃO, E. M. M. et al. **Hospitalizações e óbitos relacionados à esporotricose no Brasil (1992-2015).** 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/DFPbTzqj9pyrWB87YVqSKFs/?lang=pt>. Acesso em: 8 nov. 2022.

GONÇALVES, J. C. et al. **ESPOROTRICOSE, O GATO E A COMUNIDADE.** 2019. Disponível em: <http://www.conhecer.org.br/enciclop/2019a/agrar/esporotricose.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2022.

GONDIM, A. L. C. L.; LEITE, A. K. A. **Aspectos gerais da esporotricose em pequenos animais e sua importância como zoonose.** 2020. Disponível em: <https://www.gvaa.com.br/revista/index.php/REBES/article/view/7571/7400>. Acesso em: 03 nov. 2022.

GREMIÃO, I. D. F. et al. **Epidemia zoonótica de esporotricose: transmissão de gato para homem.** 2017. Disponível em: <https://journals.plos.org/plospathogens/article?id=10.1371/journal.ppat.1006077>. Acesso em: 12 nov. 2022.

GUIRADO, G. M. P. et al. **Analysis of laser therapy effects in *Sporothrix schenckii* inactivation in vivo.** 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reng/a/M8GH6X5KRPS68rVrcs7dGxC/?format=pdf&lang=en>. Acesso em: 03 nov. 2022.

LARSSON, C. E. **Esporotricose: sporotrichosis.** 2011. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/bjvras/article/view/34389/37127>. Acesso em: 15 nov. 2022.

LOPES, M. D.; ACKERMANN, C. L. **Contracepção em felinos domésticos: novas abordagens.** 2017. Disponível em: [http://www.cbra.org.br/portal/downloads/publicacoes/rbra/v41/n1/p270-277%20\(RB669\).pdf](http://www.cbra.org.br/portal/downloads/publicacoes/rbra/v41/n1/p270-277%20(RB669).pdf). Acesso em: 11 nov. 2022.

MACÊDO-SALES, P. A. et al. **Domestic feline contribution in the transmission of *Sporothrix* in Rio de Janeiro State, Brazil: a comparison between infected and non-infected populations.** 2018. Disponível em: <https://bmcvetres.biomedcentral.com/articles/10.1186/s12917-018-1340-4#citeas>. Acesso em: 15 nov. 2022.

MARQUES, S. M. T.; OLIVEIRA, M. R. F.; GOMES, M. J. T. M. **Parasitos gastrintestinais em gatos da cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul.** 2017. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/180799/001073032.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 12 set. 2022.

MICHELON, L. et al. **Dados epidemiológicos da esporotricose felina na região Sul Do Rio Grande do Sul: uma abordagem em saúde pública.** 2019. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/4260>. Acesso em: 19 nov. 2022.

MUNIZ, A. S; PASSOS., J. P. **Esporotricose humana: conhecendo e cuidando em enfermagem.** 2009. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-528352>. Acesso em: 19 nov. 2022.

number-of-cases-should-increase-and-there-is-risk-of-an-outbreak-in-the-country-warns-infectologist/. Acesso em: 15 nov. 2022.

NUNES, S. R. **TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICA: UMA PROPOSTA DE CARTILHA SOBRE ZOOSES CAUSADAS POR ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.** 2019. Disponível em: http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/23930/1/PG_COLIC_2019_2_15.pdf. Acesso em: 22 set. 2022.

OLIVEIRA-NETO, R. R. et al. **Nível de conhecimento de tutores de cães e gatos sobre zoonoses.** 2017. Disponível em: <https://www.scielosp.org/pdf/rsap/2018.v20n2/198-203/pt>. Acesso em: 22 set. 2022.

- PÁSSARO, M. L.; SITTINIERI, T. F.; SANTOS, Ed Wilson. **Conhecimento sobre esporotricose entre voluntários de ONGs e protetores independentes de animais do estado de São Paulo.** 2022. Disponível em: https://web.archive.org/web/20220423142431id_/https://www.pubvet.com.br/uploads/9056044832e06e0d9f40d7406180d468.pdf. Acesso em: 19 nov. 2022.
- PIRES, C.. **Revisão de literatura: esporotricose felina.** 2017. Disponível em: <https://www.revistamvez-crmvsp.com.br/index.php/recmvz/article/view/36758>. Acesso em: 19 nov. 2022.
- RODRIGUES I. M. A.; LUIZ D. P.; CUNHA G. N.; **PRINCÍPIOS DA GUARDA RESPONSÁVEL: PERFIL DO CONHECIMENTO DE TUTORES DE CÃES E GATOS NO MUNICÍPIO DE PATOS DE MINAS – MG.** 2017. Disponível em: <http://www.arsveterinaria.org.br/ars/article/view/1082/1099>. Acesso em: 22 set. 2022.
- RODRIGUES, A. M.; HAGEN, F.; CAMARGO, Z. P. **A Spotlight on Sporothrix and Sporotrichosis.** 2022. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s11046-022-00642-9>. Acesso em: 03 nov. 2022.
- SANTOS, M.; ALMEIDA, A. **Principais riscos e fatores de risco laborais dos jardineiros, eventuais doenças profissionais associadas e medidas de proteção recomendadas.** 2016. Disponível em: <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/24335/1/002%20-%20rpso.pt-jardineiros.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2022.
- SILVA, F. M. V. **Conhecimentos e percepção sobre esporotricose em região endêmica: Pelotas, RS, Brasil.** 2014. Disponível em: http://www.repositorio.ufpel.edu.br/bitstream/123456789/2512/1/dissertacao_franklin_de_moraes_vaz_da_silva.pdf. Acesso em: 19 nov. 2022.
- SILVA, M. B. T. et al. **Esporotricose urbana: epidemia negligenciada no Rio de Janeiro, Brasil.** 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/tBDjHq5kPXNH4kdzqJwGTcw/?lang=pt>. Acesso em: 15 nov. 2022.
- SOCIEDADE BRASILEIRA DE MEDICINA TROPICAL. SBMT. **Esporotricose: número de casos deve aumentar e há risco de surto no País, alerta infectologista.** 2020. Disponível em: <https://www.sbmt.org.br/portal/sporotrichosis-number-of-cases-should-increase-and-there-is-risk-of-an-outbreak-in-the-country-warns-infectologist/>. Acesso em: 19 nov. 2022.
- SOUZA, B. A.; MELLO, M. **Análise das obras do PAC (Eixo Minha Casa, Minha Vida) em Valparaíso de Goiás (GO): a produção de uma realidade integradora/segregadora.** 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/3213/321363034001/html/>. Acesso em: 19 nov. 2022.
- SOUZA, L. L. et al. **Isolation of Sporothrix schenkii from the nails of healthy cats.** 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bjm/a/jdtmwwgNYsJzwKWgZwbW5tC/?lang=en>. Acesso em: 15 nov. 2022.